

O papel da mulher na construção da transição paradigmática:
uma leitura de Boaventura de Sousa Santos

The role of women in the construction of the paradigmatic transition: a
reading of Boaventura de Sousa Santos

Gheysa Mariela Espindola¹

Resumo: Este artigo procura contribuir para a discussão de elementos relacionados ao atual momento da mulher na sociedade contemporânea. Para tanto, buscou-se na obra *A Crítica da Razão Indolente* – contra o desperdício da experiência, de Boaventura de Sousa Santos a elucidação tão claramente realizada pelo autor do momento intercalar vivido por nossa sociedade. Tal filósofo, com uma clareza estonteante nos delimita quais os valores construídos pela modernidade e, conseqüentemente, nos aponta possíveis caminhos para se transcender à modernidade, caminhos estes emancipatórios, *que necessitam de diferentes coligações progressistas e que assumirão ritmos nos diferentes espaços estruturais*. A partir de um recorte da obra, buscamos elucidar se caberá a mulher o exercício de alguma função específica neste período de transição de paradigmas da modernidade e, estes outros, que estão a ser construídos. A análise da referida obra, é, sem dúvida, imprescindível para o levantamento de questionamentos a despeito do desempenho de papéis nos tempos atuais, sobretudo o da mulher, que assim como, o tempo presente enfrenta a crise de paradigmas, os sujeitos do tempo também estão, com muito mais sofrimento, a enfrentá-la.

Palavras-Chave: Mulher. Sociedade. Literatura. Direito.

Abstract: this article seeks to contribute to the discussion of elements related to the current time of women in contemporary society. To this end, sought work the critique of Reason Indolent – against the waste of experience, Boaventura de Sousa Santos the elucidation so clearly held by the author of the "in-between" time lived by our society. Such a philosopher, with stunning clarity in delineating which values built by modernity and, consequently, points us to ways transcend to modernity, these paths emancipative, which require different progressive coalitions and that will take us to different structural spaces rhythms. From a clipping of the work, we seek to elucidate if fit the woman the exercise of any particular function in this transitional period of paradigms of modernity and these others are being built. The analysis of this work, is undoubtedly essential to the raising of questions regardless of the performance of roles in current times, especially the women, who, like the present time faces the crisis of paradigms, the subject of the time are also, with much more suffering, face it.

Keywords: Woman. Society. Literature. Right.

¹ Mestranda de Direito, Relações Internacionais e Desenvolvimento da PUC-GO.

Introdução

A partir de Boaventura, em *A Crítica da Razão Indolente* nos deparamos com uma análise da nossa sociedade contemporânea que, segundo ele, se encontra em um momento intervalar, que se reconhece como um momento de trânsito entre o paradigma da modernidade e o paradigma emergente.

Neste atual contexto de construção de novos paradigmas que podem nortear a vida em sociedade, nos conduzindo para uma vida decente, nos questionamos se existe algum espaço para a mulher?

A mulher, em toda a sua história, sempre teve um papel secundário, seja na construção de paradigmas, seja como próprio objeto destes paradigmas. O que nos resta questionar então é se, neste momento intervalar contemporâneo que caracteriza a sociedade atual, haverá algum espaço para nós mulheres nesta construção?

Este artigo tem por objetivo, portanto, definir o que é a chamada transição paradigmática que Boaventura de Sousa Santos propõe em sua obra *A crítica da Razão Indolente*, bem como estabelecer quais são os principais valores da transição da modernidade para o novo paradigma emergente da pós-modernidade. E, a partir desta construção, discutir se caberá à mulher alguma função nesta transição de paradigmas.

Os Paradigmas Da Modernidade Segundo Boaventura

Boaventura narra, em seu livro, a sensação de desassossego atual de nossa sociedade do início deste milênio. Segundo o autor, é como se estivéssemos na orla do tempo (p. 41), entre um presente que ainda não terminou, mas também um futuro que ainda não começou. Este desassossego é explicado por ele, em razão do excesso de determinismos e indeterminismo, aqueles perceptíveis na aceleração da rotina, enquanto que estes, notáveis na desestabilização das expectativas. Todo este contexto gera uma acumulação de riscos inseguráveis, bem como a probabilidade de ocorrência de rupturas e descontinuidades na vida, bem como a eventualidade de catástrofes pessoais e coletivas.

Ademais, as várias situações que deparamos em nosso mundo suscitam desconforto, indignação e inconformismo. E nos levam a questionar até que ponto a modernidade cumpriu as suas grandes promessas de igualdade, liberdade ?

Basta revermos as estatísticas mundiais para perceber que os seus frutos foram perversos, por exemplo,

os países capitalistas avançados com 21% da população mundial, controlam 78% da produção mundial de bens e serviços e consomem 75% de toda a energia produzida. Os trabalhadores do Terceiro Mundo do sector têxtil ou da electrónica ganham 20 vezes menos que os trabalhadores da Europa e da América do Norte na realização das mesmas tarefas e com a mesma produtividade. Desde que a crise da dívida rebentou no início da década de 80, os países devedores do Terceiro Mundo têm vindo a contribuir em termos líquidos para a riqueza dos países desenvolvidos pagando a estes em média por ano mais 30 biliões de dólares do que o que receberam em novos empréstimos. No mesmo período a alimentação disponível nos países do Terceiro Mundo foi reduzida em cerca de 30%...Mais pessoas morreram de fome em nosso século que em qualquer dos séculos precedentes.(pp. 23, 24).

Além de todos esses problemas suscitados, outros ainda podem ser levantados no tocante à promessa de liberdade proposta na modernidade, como, por exemplo, a exploração do trabalho infantil, a violência policial, as violações raciais, as limpezas étnicas, a violência sexual contra as mulheres, entre outros problemas de nossa sociedade que continuam sem solução.

Esses inúmeros problemas geram justamente o desassossego de nossa contemporaneidade, visto que nos encontramos diante de um paradigma moderno que ainda produz uma série de desigualdades e injustiças para toda a humanidade, levando a construção, ou tentativa, de uma teoria crítica moderna.

Os paradigmas da Modernidade foram construídos entre o século XVI e final do século XVIII, baseado na ideologia de racionalidade científica. Este paradigma representou uma nova visão da vida, que rompeu por completo com o saber aristotélico e medieval até então dominante, negando todas as outras formas de conhecimento que não se pautavam nos seus princípios epistemológicos e suas regras metodológicas:

A natureza teórica do conhecimento científico decorre dos pressupostos epistemológicos e das regras metodológicas já referidas. É um conhecimento causal que aspira à formulação de leis, à luz de regularidades observadas, com vista a prever o comportamento futuro dos fenômenos.(p. 63).

A ideia do mundo-máquina é de tal modo poderosa que vai transformar-se na grande hipótese universal da época moderna. Esta Modernidade, segundo Boaventura, se assenta em dois pilares principais: a regulação e a emancipação (p. 51). Cada um destes pilares formado por três princípios.

| PILARES DOS PARADIGMAS MODERNOS | PRINCÍPIOS | | | |
|--|---|-----------------------------------|--------------------------------------|-----------------------------|
| REGULAÇÃO | <table border="1"> <tr> <td data-bbox="616 300 1348 356">Princípio do Estado</td> </tr> <tr> <td data-bbox="616 356 1348 412">Princípio do Mercado</td> </tr> <tr> <td data-bbox="616 412 1348 472">Princípio da Comunidade</td> </tr> </table> | Princípio do Estado | Princípio do Mercado | Princípio da Comunidade |
| Princípio do Estado | | | | |
| Princípio do Mercado | | | | |
| Princípio da Comunidade | | | | |
| EMANCIPAÇÃO | <table border="1"> <tr> <td data-bbox="616 472 1348 528">Racionalidade Estético-expressiva</td> </tr> <tr> <td data-bbox="616 528 1348 584">Racionalidade Cognitivo-instrumental</td> </tr> <tr> <td data-bbox="616 584 1348 640">Racionalidade Moral-prática</td> </tr> </table> | Racionalidade Estético-expressiva | Racionalidade Cognitivo-instrumental | Racionalidade Moral-prática |
| Racionalidade Estético-expressiva | | | | |
| Racionalidade Cognitivo-instrumental | | | | |
| Racionalidade Moral-prática | | | | |

O primeiro pilar da modernidade, chamado de regulação envolve três princípios: o do Estado, o do mercado e o da comunidade. O princípio do Estado representa a relação vertical que nós sociedade temos com o Estado, enquanto o princípio do mercado representa a relação horizontal individualista entre os parceiros de mercado. Já o princípio da comunidade está relacionado à obrigação horizontal entre membros da comunidade.

Já o segundo pilar, o da emancipação é formado pelas três lógicas de racionalidade de Weber: a racionalidade estético-expressiva, ligada às artes e literatura, a racionalidade cognitivo-instrumental, ligada a ideia de ciência e tecnologia e racionalidade moral-prática associada à ética e ao direito.

Este foi o projeto desenvolvido por esta fase da humanidade chamada de Modernidade que pode ser contemplado como um projeto ambicioso e revolucionário, mas também se configurou como um projeto de contradições internas, como explica Boaventura (p. 50):

Olhando para trás, é fácil concluir que a ousadia de um propósito tão vasto contém em si a semente do seu próprio fracasso: promessas incumpridas e défices irremediáveis. Cada um dos pilares, e porque ambos assentam em princípios abstractos, tende a maximizar o seu potencial próprio, quer pela maximização da regulação quer pela maximização da emancipação, prejudicando, assim, o êxito de qualquer estratégia de compromissos pragmáticos entre ambos.

Além destes aspectos, a Modernidade se caracterizou também pela produção de uma série de modelos dualistas, como: cultura/natureza, abstrato/concreto, espírito/corpo, sujeito/objeto, ideal/real. Para Boaventura, estes modelos são sexistas, na medida em que os primeiros pólos são considerados dominantes, e, conseqüentemente,

os segundos, dominados; sendo ainda, ao mesmo tempo associado ao masculino. Segundo o autor,

Esta é uma associação muito antiga que tem a sua versão mais sofisticada em Aristóteles, cuja biologia, política e ética assentam no pressuposto da inferioridade da mulher. (p.87).

A ciência moderna ao destacar esses dualismos os transforma em verdades universais, através de seu método cognitivo-instrumental, que transforma experiências dominantes em verdades objetivas, fazendo com que assim, neste aspecto, a mulher passe a ocupar durante toda a modernidade, portanto, o polo dominado.

Se o organismo é a forma tecno-científica do corpo, o organismo da mulher é a forma tecno-científica de a colocar no pólo dominados de qualquer dos dualismos referidos (a natureza, o concreto, o corpo, objecto, o real). Por esta via, o masculino transforma-se numa abstração universal, fora da natureza, enquanto o feminino é tão-só um mero ponto de vista carregado de particularismos e de vinculações naturalistas. (p. 88).

Assim, o paradigma moderno, quanto ao gênero, concebe um mundo de homens, baseado em princípios socialmente masculinos, como os da guerra, do individualismo, da concorrência, da agressividade, da descontinuidade com o meio ambiente. O que certamente explica várias das nossas concepções sociais e culturais modernas.

O Paradigma Emergente De Boaventura

Para Boaventura, são perceptíveis os vários sinais da crise deste atual modelo de racionalidade científica da Modernidade, sendo esta crise profunda e irreversível, entretanto, não pode ser vista como um pântano de incredulidade. Assim, ele descreve a crise paradigmática:

É antes o retrato de uma família intelectual numerosa e instável, mas também criativa e fascinante, no momento de se despedir, com alguma dor, dos lugares conceptuais, teóricos e epistemológicos, ancestrais e íntimos, mas não mais convincentes e securizantes, uma despedida em busca de uma vida melhor a caminho doutras paragens onde o optimismo seja mais fundado e a racionalidade mais plural e onde, finalmente, o conhecimento volte a ser uma aventura encantada. (p.74).

mas que é somente a partir da modernidade que poderemos superá-la:

...só a partir da modernidade é possível transcender a modernidade. Se é verdade que a modernidade não pode fornecer a solução para excessos e déficis por que é responsável, não é menos verdade que só ela permite desejá-la. De facto,

podemos encontrar na modernidade tudo o que é necessário para formular uma solução, tudo menos essa solução.” (p. 74).

Este novo paradigma, para Boaventura, significa mais do que um paradigma científico, que deve ir além, e caminhar para a construção de um paradigma social:

Eu falarei do paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente. Com esta designação, quero significar que a natureza da revolução científica que atravessamos é estruturalmente diferente da que ocorreu no século XVI. Sendo uma revolução científica que ocorre numa sociedade ela própria revolucionada pela ciência, o paradigma a emergir dela não pode ser apenas um paradigma científico (o paradigma de um conhecimento prudente), tem de ser também um paradigma social (o paradigma de uma vida decente). (p. 74).

Levando em conta a ideia do referido filósofo que somente a partir da modernidade se pode transcendê-la, é, então a partir de conceitos da modernidade que se pode construir este novo paradigma. E, o autor considera então aqueles conceitos que permaneceram mais abertos dentro dos pilares modernos.

Entre os pilares da regulação, o autor considera que o princípio da comunidade é o que foi mais negligenciado ou que permaneceu mais aberto durante a modernidade. Já se considerando os pilares da emancipação, para ele, a racionalidade estético-expressiva se manteve mais inacabado, até o momento.

Em meu entender, as representações que a modernidade deixou até agora mais inacabadas e abertas são, no domínio da regulação, o princípio da comunidade e, no domínio da emancipação, a racionalidade estético-expressiva. Dos três princípios de regulação (mercado, Estado e comunidade), o princípio da comunidade foi, nos últimos duzentos anos, o mais negligenciado. E tanto assim foi que acabou por ser quase totalmente absorvido pelos princípios do Estado e do mercado. Mas, também por isso, é o princípio menos obstruído por determinações e, portanto, o mais bem colocado para instaurar uma dialética positiva com o pilar da emancipação. (p. 75).

Boaventura ressalta que o princípio da comunidade pode se desdobrar em duas dimensões: a participação e a solidariedade. Segundo o autor, estes dois elementos foram desenvolvidos na modernidade apenas parcialmente. A dimensão da participação foi estampada apenas na teoria política liberal em que propiciou a ideia de cidadania e democracia representativa. Enquanto, a dimensão da solidariedade se desenvolveu apenas no aspecto das políticas sociais advindas do próprio Estado-Providência.

Entretanto, na realização deste artigo, queremos destacar mais a dimensão da solidariedade. Esta, para Boaventura, está na capacidade de reciprocidade entre sujeitos, reconhecendo a intersubjetividade. A solidariedade é uma forma de saber, conquistada

sobre o colonialismo, que é, justamente, a ignorância da reciprocidade e a incapacidade de ver o outro como um outro sujeito, mas sim como objeto, o que por sinal, foi muito característico da modernidade: essa ideia do homem como sujeito epistêmico, que muitas vezes tratou o outro homem como objeto de estudo.

A solidariedade é uma forma específica de saber que se conquista sobre o colonialismo. O colonialismo consiste na ignorância da reciprocidade e na incapacidade de conceber o outro a não ser como objecto. A solidariedade é o conhecimento obtido no processo, sempre inacabado, de nos tornarmos capazes de reciprocidade através da construção e do reconhecimento da intersubjectividade. (p. 81).

As comunidades são relações sociais, sendo que as formações sociais capitalistas são constituídas por seis conjuntos de relações sociais: o espaço doméstico, o espaço da produção, o espaço do mercado, o espaço da comunidade, o espaço da cidadania e o espaço mundial. Estes conjuntos representam as matrizes das comunidades interpretativas principais existentes na sociedade, sendo estes os seis grupos estruturais de relações sociais.

O conhecimento emancipatório pós-moderno parte do princípio de que só haverá emancipação se, nestes domínios tópicos básicos, os topoi que exprimem as relações sociais dominantes forem substituídos por outros que expressem a aspiração de relações sociais emancipatórias, assentes simultaneamente em políticas de reconhecimento (identidade) e em políticas de redistribuição (igualdade). Não pode haver emancipação sem uma tópica de emancipação. E isso pressupõe a substituição, no espaço doméstico, de uma tópica patriarcal por uma tópica da libertação da mulher... (p. 110).

O Papel Da Mulher Na Transição Paradigmática

Boaventura elabora um mapa de estrutura-ação das sociedades capitalistas no sistema mundial. Segundo ele, as sociedades capitalistas são constelações políticas, constituídas por seis modos básicos de produção de poder. Estes espaços são: o espaço doméstico, o espaço de produção, o espaço de mercado, o espaço da comunidade, o espaço da cidadania e o espaço mundial.

Na construção da modernidade, foi, na maioria das vezes, dentro do espaço da produção, relacionada a natureza capitalista, representado pelas instituições como a fábrica e a empresa e, também no espaço da cidadania, ligada a instituição do Estado que, se construíram a maioria das utopias alternativas:

A maioria das visões ou utopias alternativas concentrou-se nos espaços da produção e da cidadania. (p. 335).

Já quanto ao espaço doméstico, representado pelas instituições do casamento, família e parentesco, baseada na diferença sexual e geracional, bem como no espaço da comunidade, representado por instituições como a comunidade, a vizinhança, as igrejas foram praticamente inócuas na produção de alternativas, visto que inspiraram tanta modelização utópica:

O espaço doméstico e da comunidade que, no século XIX, inspiraram tanta modelização utópica, são hoje em dia praticamente um deserto em matéria de alternativas radicais. (p. 335).

Neste trabalho, que nosso objetivo é tentar evidenciar o papel da mulher na construção de novos paradigmas, queremos, portanto, destacar o espaço doméstico, já que a unidade de prática social é baseada justamente na diferença sexual e geracional. Este espaço se caracteriza ainda por uma forma de poder, de direito e epistemológica. A forma de direito é o chamado direito doméstico, já a forma epistemológica é baseada na cultura familiar, enquanto que a forma de poder é representada pelo patriarcado. Esta última dimensão possui uma implicância relevante nos papéis desempenhados pela mulher nos últimos séculos, já que representam uma forma de controle dos homens sobre as mulheres.

O patriarcado é a forma de poder privilegiado no espaço doméstico. Quer isto dizer que, embora sejam sempre constelações de poderes, as relações sociais agregadas à volta do espaço doméstico (trabalho doméstico, reprodução, cuidados mútuos, gestão dos bens do agregado doméstico, educação dos filhos, lazer, prazer. Etc) são geralmente organizadas pelo patriarcado enquanto controle de sistema dos homens sobre a reprodução social das mulheres. (p. 284).

Mas também não é só neste espaço que ocorre a opressão da mulher. O patriarcado também está presente nas constelações de poder de outras relações sociais agregadas a estas como: nos espaços de produção, de mercado, da comunidade, de cidadania e no espaço mundial. Isso dependerá da sociedade e do momento:

Para as mulheres da Arábia Saudita pode situar-se no espaço doméstico, para as mulheres dos Estados Unidos no espaço da produção e do mercado, para as mulheres suíças, no espaço da cidadania, para as mulheres africanas e indianas, no espaço da comunidade. (p. 285).

A partir desta estrutura-ação das sociedades capitalistas, construídas por Boaventura, considerando, sobretudo, os espaços freqüentados pela mulher de forma mais intensa, começamos a discorrer acerca de como poderá ocorrer essa transição. Para

o autor, ora em análise, na prática, a transição paradigmática irá traduzir-se em emancipações sociais. Neste espaço, mais tradicionalmente dominado pelo sistema patriarcal, ligado a figura do homem, qual seja o doméstico, a contradição se apresentará a partir de uma substituição deste sistema por um paradigma das comunidades domésticas cooperativas. Este paradigma irá se basear na eliminação de papéis previamente definidos para os sexos, bem como pela partilha da autoridade, portanto, não mais fixada na figura masculina, mas sim, partilhada nesta comunidade doméstica cooperativa:

O paradigma emergente inclui todas as formas alternativas de sociabilidade doméstica e de sexualidade, baseada na eliminação de estereótipos dos papéis de cada sexo, na autoridade partilhada (quer nas relações entre os sexos, quer entre gerações) e na democratização do direito doméstico (conflitos cooperativos, prestação mútua de cuidados, vida partilhada). (p.335).

Assim, o paradigma emergente, neste aspecto, inclui a mulher como membro cooperativo dentro da cultura familiar e, não mais, persiste no dualismo moderno de dominante/dominado que secularizava o seu papel neste espaço social. Mais do que isso, a elevação de sua condição representa uma tentativa de eliminação de estereótipos criados, ao longo da construção moderna, que fomentam mecanismos de subordinação e violência contra a figura feminina, sejam elas, devido a crença estereotipada de inferioridade da mulher, seja ela, a sua razão, identificada no exercício da autoridade masculina no espaço doméstico.

Os novos paradigmas emergentes, sobretudo neste tocante abordado, certamente representarão a utilização de uma forma alternativa de sociabilidade neste espaço, entretanto, estes grupos e, neste caso, portanto, a mulher, neste processo deverá através do conhecimento emancipatório, aberto através da utopia, poderá tornar esta emancipação mais verossímil:

Os grupos sociais interessados na emancipação não podem, hoje, começar por defender a coerência e a eficácia das alternativas emancipatórias, sob pena de confirmarem e aprofundarem a sua inverossimilhança. Nestas condições, não resta outra saída senão a utopia. No trilho aberto por ela, o conhecimento emancipatório irá consolidando a sua trajetória epistemológica, do colonialismo para a solidariedade. Assim, se irá criando uma nova bitola de coerência e eficácia que torne a emancipação menos óbvia e mais verossímil.(p. 329).

E, portanto, assim, parece ser através da utopia, o único caminho para pensar o futuro, explorando novas possibilidades humanas e novas vontades, através da

imaginação e opondo-se a ela aquilo que já existe, só porque existe, em busca de algo ainda melhor que valha a pena lutar e que todos nós temos direito:

Perante isto, o único caminho para pensar o futuro parece ser a utopia. E por utopia entendo a exploração, através da imaginação, de novas possibilidades humanas e novas formas de vontade, e a oposição da imaginação à necessidade do que existe, só porque existe, em nome de algo radicalmente melhor por que vale a pena lutar e a que a humanidade tem direito. (p. 331).

Referências

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Crítica da Razão Indolente – contra o desperdício da experiência.** 8ª São Paulo: Editora Cortez, 2011.